

O melancólico ocaso do político mineiro

A grande geração que termina com Tancredo Neves forjou uma tradição com paciência e competência. Mas, a partir do regime militar, o velho estilo acabou se descaracterizando. Hoje, nem tudo tem que passar por Minas. Texto de Kléber de Almeida.

"Em Minas a gente não briga mas também não faz as pazes"
Tancredo Neves

Consagrado pela habilidade, com forte sentido de continuidade e marcante conservadorismo, o político mineiro sempre fez política mais ou menos dessa forma, como conta o lendário governador e senador mineiro Benedito Valladares em suas memórias:

"Sendo candidato, passei o cargo de governador ao secretário das Finanças, Ovídio Xavier de Abreu, e transferi-me para a casa de Orozimbo Nonato, à rua dos Guajajaras, que estava desocupada. Com minha saída, o Palácio da Liberdade esvaziou. Todos passaram a frequentar a casa da rua Guajajaras, onde se tratava exclusivamente de política.

Conta Ovídio, com muita graça, que, sentindo-se isolado, sentou-se, uma tarde, à varanda para ver o movimento da Praça da Liberdade; lá embaixo passava, justamente naquele momento, nosso conterrâneo e amigo engenheiro José Guimarães de Almeida. Ele chamou.

— José Guimarães, vem cá.
— Não vou não."

O político mineiro, com no-

Fotos arquivo



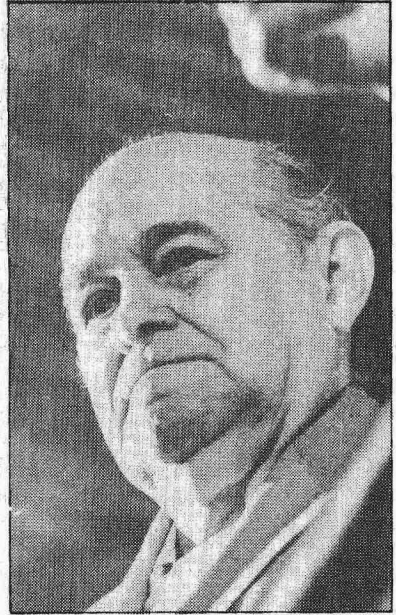
Juscelino Kubitschek



Benedito Valladares



José Maria Alkmin



Tancredo Neves



Aureliano Chaves



Itamar Franco

política clientelística sem alardes. Feita com discrição, habilmente disfarçada, essa política evitava o populismo e cooptava os de maior talento, os intelectuais, para manter a estabilidade interna.

No plano externo, valendo-se da incrível capacidade de adaptar-se às novas situações, sem se envolver em crises políticas incontornáveis, o político mineiro sempre teve a preocupação com o poder. Por isso, o Estado precisava ser forte e influente. Mesmo que para conseguir essa influência fosse preciso votar em bloco nas decisões nacionais e até livrar-se de alguns dogmas, desde que pudesse ter o controle da situação.

Uma explicação possível para esse comportamento pode estar na homogeneidade da elite política mineira, como constata o brasileiro John D. Wirth, em **Minas Gerais, o Fiel da Balança** (Paz e Terra). Num Estado onde a imigração estrangeira praticamente fracassou, a política só poderia ficar mesmo nas mãos dos nativos. E isso foi decisivo para assegurar a sucessão e manter incólume ao longo do tempo um jeito especial

de fazer política.

A grande geração que termina com Tancredo Neves não se distanciou dos políticos do final do Império e começo da República. Uma tradição forjada com paciência e muita competência pelos grandes caciques que tiveram girando em torno de si os que esperavam o poder. Dessa forma, de Silviano Brandão nasceu, por exemplo, Wenceslau Brás. Assim como das hostes de Cesário Alvim, surgiu Afonso Pena. Francisco Sales gerou, entre outros, João Pinheiro, que nasceu, mais tarde, em Israel Pinheiro. De Vaz de Melo, veio Artur Bernardes, que se encerrou em Artur Bernardes Filho. De Crispim Jacques Bias Fortes, o comando passou a José Francisco Bias Fortes. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada brilhou intensamente na década de 20, época também compartilhada por Wenceslau, o velho Bernardes, Olegário Maciel, período realmente generoso para a política mineira: estão chegando os Melo Franco (Afrânio e Virgílio), Gustavo Capanema, o novo Bias, Pedro Aleixo, o jovem José

Bonifácio Lafayette de Andrada, Benedito Valladares, Israel Pinheiro, Bilac Pinto, Cristiano Machado, Carlos Luz, Juscelino Kubitschek, Gabriel Passos, Dário de Almeida Magalhães Pinto, José Maria Alkmin, Milton Campos varando o Estado Novo até encontrar Tancredo Neves.

A maioria chegou a 1964, alguns ultrapassaram o regime militar. Mas, a partir daí, começou a se instalar a decadência da escola mineira. O ocaso da geração de 30 e a ausência de um elemento vital — a perspectiva real de poder — foi descaracterizando esse estilo que alguns entusiasmados costumavam chamar de florentino. Não foi possível uma renovação política, rompeu-se o velho segredo dos grandes chefes e mesmo a herança familiar sofreu com a degeneração. De Pinheiro, há hoje Israelzinho. O Andrada de hoje é o Andradinha, candidato derrotado a vice na chapa de Maluf. O novo Bias é o Biasinho, varrido junto com Ulysses Guimarães. A acesa política de Barbacena, com repercussão nacional, reduziu-se a mera disputa paroquiana.

O candidato mineiro a presidente, Aureliano Chaves, presumivelmente um herdeiro de Bilac Pinto, passou despercebido em seu próprio Estado numa campanha melancólica e com poucos votos no final. O atual governador, Newton Cardoso, baiano, mas militante antigo na política mineira, tem como identificação com o velho estilo apenas alguns cacotes. Ao contrário do político mineiro tradicional, cioso da fidelidade partidária, Cardoso navega em dois partidos — o PMDB e o PDC — e espertamente talvez tenha sido um dos vencedores desse primeiro turno das eleições.

O senador Itamar Franco, vice de Collor, parlamentar operoso mas sem o peso que tiveram Benedito Valladares, Milton Campos, Magalhães Pinto ou Tancredo Neves no mesmo Senado onde estão hoje mais dois políticos de vócurto — Ronan Tito e Alfredo Campos. Há uma estrela nova, Pimenta da Veiga, o atual prefeito de Belo Horizonte. Seu pai foi deputado federal pelo PSD e também secretário de Estado, mas não deixou uma herança política, deixou sua fama de grande advogado criminalista.

Pimenta, um político de esquerda, poderia até não ter tido sucesso num Estado no qual jamais floresceu nem o anarquismo, nem o comunismo e muito menos o integralismo. Qual o futuro desse velho estilo de política, quando até a Igreja mudou de posição, a urbanização vai rompendo os currais eleitorais e as cidades industriais formam um novo eleitor? Só mesmo as eleições para governador do ano que vem poderão responder se os valores seculares da política mineira — a prudência, a tolerância e uma irresistível vocação para o poder — ainda serão capazes de renascer em sua glória total.